

— CONEXÃO —

EP
EAL

#33

Junho 2024



FANATISMO

Equipo editorial

Adriana Pontelli

Diretora de Publicações da FEPAL

Psicanalista da Associação Psicanalítica de Córdoba (APC)

Alicia Ángeles Ramírez

Analista em formação na Sociedade Peruana de Psicanálise (SPP)

Cecilia Moia

Psicanalista da Associação Psicanalítica Argentina (APA)

Carolina García

Editora-chefe da Calibán

Psicanalista da Associação Psicanalítica do Uruguai (APU)

Lúcia Palazzo

Diretora Adjunta de Publicações da FEPAL

Psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)

Marina Massi

Coordenadora Científica da FEPAL

Psicanalista da Sociedade de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)

Natalia Mudarra

Psicanalista da Associação Panamenha de Psicanálise (APAP)

Ximena Méndez

Psicanalista da Associação Psicanalítica do Uruguai (APU)

Walter Eduardo Lisboa

Tradutor

Leo Mangiavacchi

Designer gráfico / Designer de diagramação

Imagem da capa: Série "MAYA" (A ilusão da realidade) (2021) Caixas de luz. Autor: Luis González Palma. Artista guatemalteco radicado em Córdoba, Argentina. É considerado um dos fotógrafos mais destacados da América Latina, com uma vasta trajetória, inúmeras publicações e prêmios internacionais.

Editorial

O fanatismo, historicamente, adere à defesa de uma única verdade que exclui a dúvida e somente oferece certezas, e também promove a dependência dos adeptos aos líderes ou às ideias que seguem, com entrega absoluta a essa verdade.

Vemos que o fanatismo não aceita a dispersão, nem a diferença. Ninguém pode se “desemoldurar” dessa única verdade. Nessa perspectiva, consideramos representativo o trabalho de Luis González Palma em sua série *MAYA, a ilusão da realidade*. No hinduísmo, “maya” é a ilusão, uma imagem ilusória ou irreal, representada como um conceito ou estado de espírito. O artista guatemalteco, através do uso da fotografia em preto e branco, mudando para a cor sépia, nos convida precisamente a nos “desemoldurar”. Na composição dessas quatro obras, sua proposta é inquietante: qual é a moldura verdadeira? Qual é o quadro? Onde está o conteúdo? “Desemoldurar-se” é distanciar-se de uma posição, o mesmo que podemos fazer quando olhamos para a sua obra, ou que podemos fazer hoje e sempre diante da reciclagem permanente dos imperativos que aniquilam o desejo imposto pelos fanatismos.

Nesse sentido, Soledad Sosa, em **Marcadores de Calibán**, também se “desemoldura” e nos convida a pensar que parte de nosso mal-estar na cultura se expressa na crescente desintegração, fragmentação e excesso nos fenômenos de segregação e, fundamentalmente, de exclusão. No entanto, admite que a exclusão está na linguagem, há sempre algo excluído que nos questiona, “se essa exclusão for erotizada – como no fanatismo – se formula um sintoma?” Assim, promoveríamos o sintoma, a partir da construção de um traço que faça a diferença e que, portanto, possa nomear os marginalizados, buscando evitar que eles ocupem o lugar de “fora do discurso” que lhes é destinado, sem classe ou grupo social, desemoldurados, os de fora da moldura. Os textos de *Calibán* que acompanham esta Conexão FEPAL são testemunho disso.

Nesta edição, propomos quatro **perspectivas** sobre o fanatismo e a realidade psíquica, perspectivas que diferem do que Maria Elizabeth Mori propõe em seu artigo *Cada um tem sua opinião*. A autora parte dessa expressão cotidiana, nascida de discussões inconciliáveis, como forma fanática de evitar o diálogo. Em uma rápida incursão pela filosofia, ela reúne de alguns pensadores noções como “a

ética da alteridade", "a atitude de hospitalidade em relação ao outro", a ação comunicativa e a busca de consensos, mas ao mesmo tempo "a aceitação de um ponto de dissenso irreduzível"; todos conceitos que favorecem instâncias reflexivas que limitam o pensamento fanático. "Abrir pequenas brechas para vislumbrar outras possibilidades que dão fluidez ao pensar e ao sentir, (...) produto da capacidade de simbolização, da capacidade de brincar, da capacidade negativa e da tolerância à incerteza" é o desafio proposto por Fryné Santiesteban Palomino em *Notas sobre o fanatismo*. A psicanalista mergulha na estrutura psíquica do fanático, apontando como carência a falta de imaginação que poderia abrir "um mundo de possibilidades que acabaria questionando o que ele acredita ser a verdade". "Quando Freud afirma que o signo da realidade para o sujeito é aquele que coincide com sua valorização afetiva – sancionada como verdade pelo superego –, está esclarecendo o substrato pulsional do fanatismo", especifica Marcelo Toyos em seu ensaio *O Incurável*. O autor se propõe a revisar uma correção que Freud faz em "O Ego e o Id", por ter atribuído anteriormente ao Superego a função de examinar a realidade. Também Sodely Páez, investigando mecanismos e raízes inconscientes subjacentes, delineia em seu artigo *Psicanálise e fanatismo* uma aproximação ao pensamento fanático. A autora destaca na obra freudiana alguns mecanismos dos fanáticos, como a dissolução do ego e o desaparecimento dos sujeitos psíquicos, arrastados em rebanho pelos mandatos e desígnios de seus líderes carismáticos, com "a ilusão de encontrar neles a figura do pai todo-poderoso e protetor, que não encontraram em sua primeira infância".

Na seção **Conversações**, abrimos a porta para que cada leitor entre no espaço de escuta *Em Língua Viva: FEPAL hoje*. Nesta ocasião, compartilhamos o diálogo descontraído e animado entre Alicia Ángeles Ramírez e Pablo Santander, atual tesoureiro da FEPAL. A conversa discorre sobre diferentes temas, mas enfoca o fanatismo presente na vida privada, institucional e social.

Ao longo de seu percurso, este número da Conexão FEPAL *Fanatismo e Realidade Psíquica* procura destacar, por meio dos diferentes autores e de suas narrativas, que é fundamental estar atento ao totalitarismo que habita nos discursos que proclamam ser a causa última e a verdade, bem como sobre suas diferentes encarnações nas figuras de autoridade do momento – disfarces que o fanatismo usa para impregnar de sentido as experiências humanas, os discursos e projetos. Por outro lado, como diz Lacan, a chave da psicanálise é retomar o projeto freudiano pelo avesso, desemoldurados até mesmo do próprio fanatismo que pode aninhar em nosso meio.

Adriana Pontelli e Cecilia Moia





Perspectivas

“Cada um tem sua opinião”: Um caminho banal rumo ao fanatismo?

Por *Maria Elizabeth Mori* *

Tenho percebido em bate-papos informais que diante de divergências de entendimento sobre a matéria em discussão alguém interrompe e encerra a conversa dizendo: “Vamos mudar de assunto, cada um tem sua opinião!”

Para o filósofo brasileiro Moysés Pinto Neto (2024), a afirmação “cada um tem sua opinião” é uma chaga contemporânea, pois é evidente, banal, falar que cada um tem uma opinião. A questão que se coloca é se somos capazes de testar, de colocar a própria opinião sob escrutínio dos demais, trazendo argumentos que justifiquem nossas opiniões.

Conflitos interpessoais emergem a partir de percepções divergentes diante da realidade material (eventos externos, factuais). Opiniões diversas e visões diferentes de mundo tem tornado os debates mais calorosos, até mesmo dogmáticos. Se antes o conhecimento era exigido para que alguém se posicionasse sobre determinado assunto, hoje, com as redes sociais, cresce a banalização das opiniões. Qualquer um se coloca à mostra, opina sobre qualquer assunto, ainda que sem conhecimento. Até sobre temas complexos sobre os quais os estudiosos do assunto ainda não chegaram a uma conclusão. E, diante da constatação de insuficiente saber, da ignorância diante do fato novo que se apresenta diante de nós, estamos dispostos a abandonar o contentamento ilusório proporcionado pelas nossas certezas?

Afinal, para muitos o diferente gera desconforto. Chama a atenção a enorme quantidade de comentários sobre os fatos postados nas redes sociais. A tonalidade emocional se acentua, demonstrada por falas desqualificadoras ou

pela mudança no tom de voz (uso de texto em caixa alta que significa alguém 'gritando' com a pessoa do outro lado) são manifestações da intolerância diante da discordância de argumentos.

A banalização do "cada um tem a sua opinião", no recrudescimento das próprias opiniões, cujos fundamentos são inabaláveis pela adesão irracional às informações, muitas vezes distorcidas por corresponderem a desejos e fantasias, não estaria afetando a vida comum na pólis? Indivíduos com fé cega não estariam ocupando o lugar de escravos diante de líderes, senhores absolutos, divindades ou causas supremas, engrossando assim o fanatismo, hoje fortemente baseado em preconceitos, em crenças religiosas e no poder político? Essa impetuosidade, um "excesso de audácia no agir", de se dizer o que se quer na vida social, não estaria impondo prejuízos e riscos à vida coletiva? Para o filósofo grego Aristóteles (384 -322 a.C.), o ser humano só alcançaria seu pleno desenvolvimento caso conseguisse viver na pólis e pela pólis.

No contexto da psicanálise, mais especificamente na clínica freudiana, sabemos da dificuldade de distinguir se o fato relatado pelo paciente ocorreu ou não, uma vez que o inconsciente ignora a diferença entre realidade material e realidade psíquica. O desejo está presente. A importância da fantasia na constituição das neuroses foi considerada por Freud, mas, ao mesmo tempo, em muitos momentos de sua obra ele não abriu mão da realidade material como traumática e constitutiva da cena primária. Uma fantasia pode se apoiar na realidade material. Realidade do pensamento e realidade da experiência se aproximam, uma incluindo a outra. No trabalho analítico, as associações dos pacientes mostram que ambas realidades estão presentes, têm relevância, não sendo entendidas, portanto, como conceitos dualistas opostos e excludentes. Entretanto, muitas pessoas adoecem ao polarizarem essas realidades, negando uma delas, tal como vemos na psicose, quando a fantasia nega a realidade dos fatos. Ou então, na perversão, quando a realidade é recusada, com o conhecido "eu sei, mas mesmo assim...".

Para exemplificar o dano sociopolítico causado pelo "cada um tem sua opinião", cito um acontecimento ocorrido no Brasil. A eleição democrática de um líder (ex-capitão do exército), com postura fanática, foi eleito para governar o estado brasileiro, no período de 2018-2022. Dentre tantas imposturas cometidas por ele, lembro de algumas que dialogam com o que pretendo conversar: a criação do chamado "gabinete do ódio", gerenciado por um dos seus filhos, que se especializou na divulgação de *fake news*, mentiras baseadas em distorções sobre a realidade comum, e no ataque a grupos e coletivos que manifestavam opiniões divergentes sobre a vida pública e privada; o aparelhamento das instituições públicas com nomeação de pessoas, a maioria homens e militares sem competências específicas, que governaram áreas estratégicas do país segundo as suas próprias opiniões, o que levou a um desmonte da administração pública.

Além de tantos outros prejuízos causados ao bem-estar comum, o mais grave foi o adoecimento e morte de muitos brasileiros durante a pandemia do Coronavírus. Assim que saíram as primeiras notícias da descoberta científica dos imunizantes para combater a Covid-19, em meados do ano 2020, o ex-presidente foi o primeiro a se manifestar contrário a elas. Por "identificação com o líder", grande parte da população brasileira se recusou a tomar as vacinas". Com ideias anticientíficas, defenderam e utilizaram medicações impróprias à doença. Uma total tolerância e adesão com a "opinião do líder". Assim, a partir da ideia "cada um tem sua opinião", muitos recusaram a realidade material, seguindo o *próprio* pensamento, apesar da ciência enfatizar que para a erradicação de doenças viróticas, que causam letalidade aos humanos, é fundamental que toda população se vacine.

Filósofos contemporâneos nos ajudam a pensar em que medida a expressão "cada um tem sua opinião" é uma forma fanática, dogmática, que não dialoga com a diferença e não se coloca à verificação do conhecimento até então alcançado na nossa contemporaneidade, segundo a máxima adotada por estudiosos-cientistas quando dizem "no atual estágio do conhecimento podemos afirmar que...", deixando em aberto a possibilidade de reposicionamento em face de novos fatos e experiências.

Emmanuel Lévinas (1905 -1995), filósofo francês, desenvolveu a teoria da "ética da alteridade", pela necessidade de se ter uma filosofia que reservasse um lugar para o outro. O outro que sempre excede a forma como o representamos. Portanto, todo sonho de totalizar o outro sempre será um sonho violento, não só um sonho frustrado. Ao reduzir o outro a uma determinada representação, não conseguimos capturar sua alteridade. Ao contrário, o outro deve permanecer como outro, como estrangeiro, sem ser reduzido a um objeto conhecido.

Para tanto, será necessária uma atitude, por exemplo, proposta pelo filósofo franco-argelino Jacques Derrida (1930 - 2004) que, na década de 1960, trouxe a necessária *desconstrução* para o próprio pensamento filosófico. Derrida refere-se a *atitude de hospitalidade* em relação ao outro. A hospitalidade de receber aquele que não foi chamado. Isso seria a verdadeira hospitalidade. Uma *hospitalidade incondicional* em receber aquele que não foi convidado, receber aquele que não é esperado. Essa seria a entrada desse outro traumático para além das minhas defesas, que chega para além das minhas fantasias e representações sobre o mundo. Um outro que fala, faz ou chega com algo de inaudito, algo que eu não controlo, algo que foge do meu horizonte, algo que, digamos assim, *transcende* qualquer coisa que eu tenha de controle. Esse outro, desagradável, perturba a tranquilidade de nossa construção de mundo, afinal, como dito pelo filósofo Jean-Paul Sartre (1905 -1980), "o inferno são os outros". Na construção de nosso mundo estamos o tempo todo categorizando, hierarquizando, o que se apresenta para nós. Passamos o tempo atribuindo significado às coisas. Por isso, é o outro

que chegará perturbando esse sentido, abalando essa compreensão que temos sobre as coisas. Temos, portanto, de lidar com o insuportável da alteridade e buscar o possível consenso.

O filósofo e sociólogo alemão da Escola de Frankfurt, Jürgen Habermas (1929-), tem se dedicado ao estudo da democracia, e, ao construir sua teoria do *agir comunicativo*, propõe que todo diálogo deve buscar o consenso. Para tal, as pessoas teriam que entrar num acordo sobre a ação comunicativa, para isso elas têm que ter *boa fé na argumentação*. Mas, como manter o diálogo diante daquilo sobre o que não há consenso? Apenas admitindo que se trata de "uma questão de opinião"? Ou se trata de reconhecermos, na conversa, que diante da realidade factual dos acontecimentos, temos diferentes modos de interpretá-la? E, desse modo, admitiríamos que o dissenso compareça.

O filósofo francês Jean-François Lyotard (1924 -1988) afirma que a experiência pós-moderna decorre da perda de nossas crenças em visões totalizantes da história, falsos consensos universais que prescrevem regras de conduta política e ética para toda a humanidade. Lyotard criou o termo *diferendo*: ponto de dissenso irreduzível sobre determinada questão, por falta de uma regra de juízo aplicável aos argumentos apresentados. Existem conversas, portanto, que terminarão no dissenso, assuntos que não se resolverão por consenso. É necessário reconhecer o *diferendo*: a existência de uma pedra em nosso caminhar que não temos como contornar.

Diferente, portanto, do encerramento da conversa pelo dogmatismo "de cada um tem sua opinião", de uma polarização entre as realidades material e psíquica, como compartilhar uma vida coletiva senão pelo reconhecimento que, diante de um acontecimento (realidade material) que atravessa os sujeitos na pólis (em nossas instituições), sempre comparecerá a noção de realidade psíquica dos sujeitos envolvidos?

Gilles Deleuze, (1925-1995), filósofo francês do pós-estruturalismo, ao definir os elementos de uma estrutura, nos lembra que os sentidos que nós indivíduos damos às coisas são definidos também pela *posição* em que nos encontramos na realidade material. Localizados em posições diferentes na estrutura, fantasiemos e interpretamos o mundo pelas nossas próprias circunstâncias.

Evitar a polarização fanática do "cada um tem sua opinião", passa a ser necessário à identificação do *diferendo* e, conseqüentemente, à admissão do *dissenso*, pois o *ideal* do consenso pode apagar as diferentes compreensões do mundo que habitamos. Se "cada um tem sua opinião", que vença a mais apropriada para a vida em comum; afinal, como dito por Roudinesco (2007) "talvez o século viesse a ser o pesadelo imaginado por Gilles Deleuze: o

estabelecimento de um fascismo ordinário (...) mas antes e acima de tudo – como disse Michel Foucault no prefácio da edição americana do *Anti-Édipo* – o fascismo que está em todos nós, que assombra nossos espíritos e condutas diárias, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar essa coisa que nos domina e nos explora”.

* Psicóloga, mestre e doutoranda em Psicanálise e Cultura pela Universidade de Brasília (UnB). Psicanalista da Sociedade Psicanálise de Brasília. Coordenadora do Observatório Psicanalítico (OP) e do Podcast *Mirante*.

Referencias

Roudinesco, Elizabeth (2007). *Filósofos na Tormenta. Canguilhem, Sartre, Foucault, Althusser, Deleuze e Derrida*. Rio de Janeiro: Zahar.

Pinto Neto, Moysés (2024). Curso on-line “Filosofia a partir do ZERO”. Alternativa Hub (7 de março).



Notas sobre o fanatismo

Por *Fryné Santisteban Palomino**

Poderíamos afirmar, sem precisar de indagações, que, na atualidade, o fanatismo é um dos problemas mais graves do mundo, embora suas raízes históricas nos remetam às primeiras épocas da civilização. Segundo Haddad (2022), "é uma das principais causas do sofrimento humano" (p. 117). É um fenômeno social e, ao mesmo tempo, está enraizado na subjetividade e no psiquismo.

Suas maiores expressões estão nos campos da política e da religião, especialmente quando caminham juntas, mas também as encontramos em diversas manifestações culturais, no esporte e no próprio cotidiano.

Em nosso próximo congresso da FEPAL "Intolerância, Fanatismo e Realidade Psíquica", serão abordados temas que levantam aspectos preocupantes da realidade de nossa América Latina e do mundo. Somos desafiados a contribuir, não apenas para a sua compreensão, mas também – esperamos – para preveni-los, questioná-los e desmantelá-los.

Em um espaço como este, quero apenas fazer algumas anotações sobre as principais características do fanatismo e seus possíveis traços em nosso intercâmbio cotidiano.

Há uma ampla gama de atitudes, emoções e experiências que podemos relacionar com o fanatismo. Talvez seja ainda mais correto falar de fanatismos, no plural.

Os dicionários relacionam o termo a uma pessoa com "entusiasmo delirante", "exaltado por sua crença", "estado de espírito (...) com apego apaixonado, zelo indignado que leva à violência e à intolerância", "entusiasmo excessivo",

"devoção acríica intensa", "tenacidade desmedida na defesa das próprias crenças", "paixão exagerada e irracional". Vemos uma alusão constante ao "excesso" no sentido de hybris. E esse excesso diferencia o fanático do entusiasta, do torcedor, do fã, embora saibamos que não se trata apenas de uma questão de grau.

A partir de sua análise da psicologia das massas, Freud aponta as principais características do que acontece com uma mente na presença da massa e de um líder carismático. Ele destaca o aumento das emoções e uma espécie de inibição do pensamento, a perda do julgamento crítico, bem como a dependência regressiva, a perda do eu e da individualidade.

Haddad (2022) reconhece o nacionalismo, o racismo, a ideologia totalitária e o fanatismo religioso como quatro formas ou expressões de fanatismo. Ele descreve como suas principais características: sua ânsia pelo universalismo e sua antipatia pelo particular; suas origens no monoteísmo, seu apego a um pensamento messiânico e milenarista. Aprofundando-se na estrutura psíquica do fanático, ele fala sobre a busca incessante do mesmo ou a intolerância ao que é diferente, sobre a importância do complexo fraterno e da melancolia que está por trás da exaltação.

Como psicanalistas, sabemos que não há uma distância abismal entre os transtornos que descrevemos e a mente de qualquer pessoa, que tudo o que em algum momento assume a forma de um sintoma em uma patologia maior, encontra-se na qualidade de conteúdo, de potencialidade, de propriedade, na vida mental de todos. Faríamos bem em procurar conhecer as expressões precoces ou difusas de comportamento, pensamento ou discurso fanáticos, tanto em nosso trabalho quanto em nossos intercâmbios. Cassorla (2019), por exemplo, nos oferece uma aguda análise de vinhetas de sessões com pacientes que apresentam funcionamento mental fanático em fase inicial.

Penso que se trata de um funcionamento fanático da mente que coexiste com outras formas, talvez menos primárias ou regressivas, em vez de falar da mente fanática como uma totalidade.

O fanatismo está relacionado à "crença", mas, ao contrário dela – que abre espaço para a possibilidade do erro, da dúvida –, ele se afirma no que considera sua verdade como algo absoluto. Uma de suas características centrais será, portanto, a impossibilidade, mesmo imaginada, da dúvida, do questionamento, da pergunta que abre para outras possibilidades, para outros interlocutores, para outras formas de ver o mundo, um fenômeno ou um tema específico.

O pensamento fanático é repleto de generalizações, ideias rígidas e preconceitos, todos assumidos como verdade inquestionável, independente do espaço e do tempo, muito facilmente convertidos em slogans que dividem o mundo em bons e maus, nós e inimigos.

O fanático carece de imaginação, porque a imaginação lhe abriria um mundo de possibilidades que acabaria questionando o que ele acredita ser a verdade; a imaginação abriria uma porta para o outro, uma curiosidade sobre o outro, o confrontaria com o enigmático do objeto e com seus próprios conflitos internos. Por todos os meios, ele evita as nuances e tudo o que anuncia a complexidade da realidade, a diversidade de arestas e conexões.

Será que o fanático tem uma percepção alterada da realidade? A julgar pelo que vemos, parece que sim, mas a principal característica é que o que ele percebe e o conhecimento que adquire sobre a realidade são organizados para se adequar ao seu pensamento, às suas necessidades e aos seus desejos. A característica central é sua convicção de que o que ele percebe é a realidade, sem sombra de dúvida. Tudo o que poderia questioná-la é negado. É para essa verdade que ele convoca ativamente os outros, propiciando uma incondicionalidade alienante, procurando convertê-los, enquanto ignora a alteridade deles.

Sabemos que para ter a capacidade de reconhecer o outro como diferente, de registrar a forma como ele nos vê, de saber tolerar a incerteza e valorizar a diversidade e a alteridade em todas as suas formas, precisamos de um desenvolvimento psíquico com primazia dos vínculos amorosos, facilitadores de um processo de construção de uma mente livre. As condições subjetivas em que vivemos neste mundo hiperacelerado dificultam, cada vez mais, os processos saudáveis de subjetivação.

Um fanático não se constrói sozinho, é produto de falhas vinculares muito precoces. Alguns autores veem o fanatismo como uma perversão do narcisismo, uma fixação na onipotência infantil do narcisismo primário; encontram sua eventual coexistência e influência mútua com a psicose ou com a perversão, apesar de reconhecerem as diferenças entre elas.

Ao mesmo tempo, é necessário que haja um grupo que funcione como elemento catalisador do pensamento, discurso e comportamento fanáticos. No início da vida, esse grupo é a família, depois a escola e outras instituições educacionais, e a sociedade em geral, por meio de pequenos grupos e instituições de pertença. Se a forma como todos eles funcionam é organizada em torno de exigir obediência, de impedir a liberdade de pensamento, de evitar o contato com a complexidade, com a alteridade, sem perceber, vão se

auspiciando formas fanáticas de funcionamento que, mais tarde, podem se tornar aquelas que destroem violentamente o que a civilização busca construir.

Temos ainda o desafio de conhecer – mais e em sua complexidade – os fenômenos inconscientes que ocorrem no psiquismo ao participar de um grupo, da mesma forma que tentamos conhecer o funcionamento mental individual ou em um vínculo de dois.

Oz (2002) nos adverte: " Sejam muito cuidadosos, fanatismo é fácil de pegar, é mais contagioso do que qualquer vírus. Pode-se facilmente contrair fanatismo, mesmo quando se está tentando vencê-lo ou combatê-lo" (p. 62). Cassorla define claramente esse contágio e relembra a descrição de Bion das suposições básicas que atacam a capacidade de pensar do grupo, e também nos alerta para o embotamento da mente, que pode tomar como realidade o produto de identificações projetivas massivas.

E não é pela força das ideias que o fanatismo é contagioso, mas porque apela às experiências emocionais, às nuances da linguagem – da fala ao corpo e seus diferentes movimentos –, criando experiências emocionais que "substituem a capacidade de pensar pela descarga emocional" (Cassorla, p. 11).

Recalcati (2020) fala de neomelancolias e propõe a segurança como um novo objeto pulsional, uma radicalização particular da pulsão de autopreservação, que, devido ao seu excesso, torna-se o oposto, ameaçando a vida. Essa ideia nos ajuda a entender a disposição de nossos povos de trocar liberdade por segurança. Em um mundo repleto de incertezas, de mudanças aceleradas, que geram ansiedades e medos, a necessidade de aderir a pensamentos e comportamentos rígidos e fanáticos é uma defesa contra a ameaça de desintegração e colapso psíquico, e contra as exigências de estar aberto a transformações.

Vivemos tempos de polarização, em que o diálogo entre diferentes posições é difícil, existe uma atitude de crítica severa, buscando a correção política do que se afirma, do que se pensa, atribuindo erro e ignorância ao oponente. Isso impossibilita a discussão, o debate criativo e moderado ou a busca comum por melhores caminhos. Há por trás desse estilo, que torna difícil o encontro, um funcionamento fanático?

Concordo com Amos Oz que a imaginação e o senso de humor podem ser elementos que ajudam a aliviar, a gerar algum desconforto com o estilo rígido de pensamento fanático. Dessa forma, podemos abrir pequenas

brechas para vislumbrar outras possibilidades que dão fluidez ao pensar e ao sentir, aquilo que é produto da capacidade de simbolização, da capacidade de brincar, da capacidade negativa e da tolerância à incerteza. Um desafio enorme.

* *Psicanalista da Sociedade Peruana de Psicanálise (SPP), membro da FEPAL e API. Docente do Instituto da SPP. Ex-Secretário de Relações Institucionais e Comunidade e Cultura da SPP. Membro da equipe da Diretoria de Comunidade e Cultura da FEPAL 2020-2022.*

Referencias

Asociación Psicoanalítica Argentina (2017). *Ideología y fanatismo. Perspectivas sociales y clínicas*. Youtube: https://youtu.be/YosNoWN_PJo?si=CY97f8HXbn8CeeG9

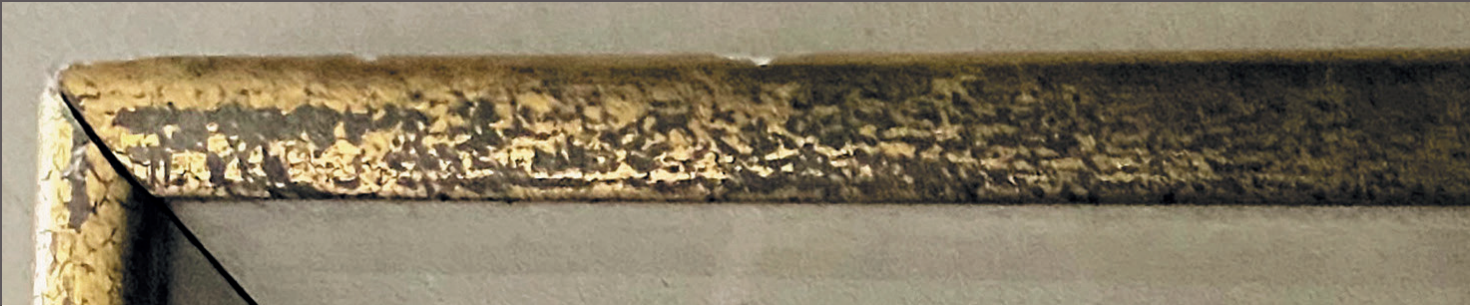
Cassorla, R. (2019). "Fanaticism: Reflections based on phenomena in the analytic field". In *The International Journal of Psychoanalysis*, 100:6, 1338-1357.

Haddad, G. (2022). *Psicoanálisis del fanatismo*. Buenos Aires, Mandrágorazur.

Recalcati, M. (2020). *Neo melancolías: la seguridad como nuevo objeto pulsional*. (Webinar). Asociación Psicoanalítica Argentina. <https://youtu.be/UEbT42JGV6o?si=3LFVUhpT3axlay5W>

Oz, A. (2002). *Contra el fanatismo*. Madrid, Ediciones Siruela.





O incorrigível

Por *Marcelo Toyos**

"Mas parece errôneo, e necessitado de correção, o fato de eu haver atribuído a função do exame da realidade a esse Super-eu"¹. Com essa proposição categórica que encontramos em "O Ego e o Id", Freud corrige um suposto erro metapsicológico cometido apenas dois anos antes. Nesta breve comunicação, pretendo questionar essa emenda com a qual ele tenta uma retificação positivista de sua teoria.

Como Lacan notará, pouco tempo depois, tal correção é uma concessão nominalista na tentativa de alinhar a psicanálise com a psicologia acadêmica da época, ajuste que exige, naquele momento, a passagem para a chamada segunda tópica². E, de passagem, um apaziguamento da inquietação que Freud introduzira com seu "Para-além..." de 1920, ao qual alude a escrita de Lacan em seu título. Em outras palavras: Freud tenta desalojar o superego daquela posição – inaceitável para o positivismo científico – de reger a função psíquica que decide o valor da realidade, uma retificação que responde à "purificação dos princípios" (Lacan, 1936, p. 82), que é o fim último de qualquer disciplina que aspire a ser recebida no Parnaso da Academia.

Relembremos o "parágrafo errôneo" que Freud corrige; o encontramos em "Psicologia das massas e análise do Eu": "O hipnotizador é o único objeto, nenhum outro recebe atenção além dele (...) Isso nos lembra que descuidamos de incluir, entre as funções do ideal do Eu, também o exercício da prova da realidade"³.

¹ Freud, S. (1923). "El yo y el ello". In *Obras Completas*, vol. XIX. Buenos Aires: Amorrortu. p 30, nota 2.

² Lacan, J. (1936). "Más allá del principio de realidad". In *Escritos I*. Buenos Aires: Siglo XXI.

³ Freud, S. (1923). "Psicología de las masas y análisis del yo". In *Obras Completas*, vol. XVIII. Buenos Aires: Amorrortu. p.108.

Tempos em que, no superego freudiano – bifronte, como Jano –, a função reitora do bem, encarnada pelo Ideal do Ego, coexistia com a necessidade de punição do sujeito, sádica, mais ou menos justificada, cuja agência ele passou a chamar – a partir de então – de "Das Über-Ich" (o Super-eu). As disquisições que se baseiam nas várias traduções do alemão para o inglês e o espanhol, embora muito pertinentes, não conseguem esclarecer essa zona ambígua entre o protetor e o racional de sua função moral, por um lado, e o excessivo – embora não menos edipicamente racional para Freud – de sua punição. Algo se excede nessa função do Ideal e, ainda por cima, Freud lhe coloca a responsabilidade de determinar se algo pertence à ordem da realidade. Uma ordem que, pelos padrões da ciência, é homóloga à ordem do verdadeiro.

Os psicanalistas que seguiram o mestre tiveram muito trabalho para harmonizar essas funções. De que maneira a lei – inclusive a que "com sangue entra" –, poderia representar o bem do sujeito? O apelo a uma função pacificadora, à função protetora dos limites e a atribuição da malignidade a um superego arcaico e "maternal", que poderia ser domado com o esforço do analista, também não era uma ferramenta adequada. É insuficiente para explicar muitos eventos clínicos do sujeito em análise, bem como muitos dos comportamentos do sujeito na sociedade.

O fanatismo em suas expressões extremas – as que não são divertidas, o amor-ódio que não mede riscos, a imolação que põe em xeque o "princípio da realidade" – constitui um exemplo paradigmático de uma conjunção insólita do bem e do mal. Os esforços humanos para construir consensos éticos sucumbem a essa indiscriminação das paixões. O amado justifica o ódio extremo, o mal se transtorna em bem supremo.

Quando Freud afirma que o signo da realidade para o sujeito é aquele que coincide com sua valoração afetiva – sancionada como verdade pelo superego –, está esclarecendo o substrato pulsional do fanatismo. Um substrato pulsional que reconhece uma origem violenta: o assassinato do Pai Primordial. A culpa não pode ser totalmente ligada pelo vínculo fraterno e requer uma nova versão desse Amo projetada em alguma horda inimiga. O outro, o semelhante-diferente, remete, relembra ominosamente, àquele de quem nos livramos, não sem os vestígios psíquicos de um crime.

A metáfora freudiana da horda primitiva tenta uma formulação mítica do que antes Nietzsche havia estabelecido em termos históricos: "(...) o seu início, como o início de tudo grande na terra, foi largamente banhado de sangue. E não poderíamos acrescentar que no fundo esse mundo jamais perdeu inteiramente um certo odor de sangue e tortura? (Nem mesmo no velho Kant: o imperativo

categorico cheira a crueldade...".⁴ Lacan dará um passo mais, que acaba com toda a esperança de uma razão não violenta, ao relacionar o componente pulsional sádico em sua expressão máxima (Sade) com os argumentos filosóficos mais elaborados de uma razão transcendental (Kant).⁵

Assim como os fanáticos do mercado negam sua falha, qualquer negação da falha do Outro em estabelecer uma verdade universal sem discórdia – e evitando o trabalho de processar essa discórdia – terá no comportamento fanático uma saída que pode ir do cômico ao trágico.

Freud tentou explorar as possibilidades de lidar com a insensatez supererótica por meio do humor⁶.

Não posso terminar sem lembrar uma das tragédias fanáticas que mais nos impressionaram, como foi o ataque à redação do Charlie Hebdo (Paris, 7/1/2015), que mostra que o humor não é uma variável independente do contexto cultural e político.

A letra da lei deve entrar com sangue porque o simbólico não exerce seu império sem um resto de insatisfação, sem falta. A realidade que se submete ao sentido autorizado pelo Ideal nega a falta simbólica e leva ao desejo de morte do Outro e de seu Ideal. Outra posição frente à realidade do gozo do Outro, à sua diferença radical e incompreensível, só é possível quando pode ser alojada no si mesmo essa parte incorrigível.

"Psicologia de massas", "O Ego e o Id", "O humor" e "A negação" são as marcas no percurso freudiano em busca de um princípio de realidade. Talvez seu trabalho sobre o masoquismo seja, por sua vez, a expressão máxima de sua impossibilidade teórica.

** Membro titular da Associação Psicanalítica Argentina (APA). Atual Secretário Científico. Coordenador do grupo de pesquisa "El estilo en Psicoanálisis". Full Member de IPA. Membro da FEPAL. Autor de "Sustancia Freud" (Letra Viva, 2016) e inúmeros trabalhos publicados em periódicos nacionais e internacionais.*

⁴ Nietzsche, F. (1887). *La Genealogía de la moral: un escrito polémico*. Buenos Aires: Alianza. p. 74-75.

⁵ Lacan, J. (1963). "Kant con Sade". In *Escritos II*. Buenos Aires: Siglo XXI

⁶ Freud, S. (1927). "El humor". In *Obras Completas*, vol. XXI. Buenos Aires: Amorrortu.

Psicanálise e fanatismo

Por *Sodely Paez**

*O fanático, na verdade, é alguém
que só sabe contar até um.
Amos Oz.*

Puchol (2016) disse que, para que haja atividade psíquica, é imprescindível confiar no outro, poder duvidar e questionar seu pensamento com a garantia de sobreviver às diferenças. Tornar-se um sujeito separado das primeiras figuras significativas da infância é um dos objetivos estruturantes do psiquismo e a base para um narcisismo saudável. É nessa falha psíquica precoce onde germina a semente fanática, compensatória e substituta. Nestas breves linhas, pretendo esboçar uma abordagem, que permanecerá aberta, sobre o que acontece no pensamento fanático, os mecanismos e as raízes inconscientes subjacentes da personalidade fanática, bem como as características grupais em que ela pode ser desenvolvida.

Definição e origem do termo

Uma primeira e detalhada conceituação de fanatismo encontra-se em Locke (1690), que o definiu como uma "adesão afetiva a um dogma considerado indiscutível e cuja defesa justifica a destruição de qualquer inimigo".

Neste século, Baekeland (2015), acrescentou que "o fanatismo é uma crença ou comportamento que envolve paixão e zelo acrílicos, particularmente por causas religiosas, políticas ou ideológicas, e que insiste em padrões muito rígidos, sem qualquer tolerância a ideias ou opiniões contrárias" (Conferência no Círculo de Belas Artes em Madri).

A América Latina é um território onde o fanatismo teve forte presença na esfera política e em diferentes momentos históricos, deixando resultados

devastadores. Rubinstein (2015), ao se aprofundar nas motivações singulares e inconscientes do fenômeno, argumentou que isso corresponderia a um estado mental derivado de uma experiência passional, que domina o sujeito na ilusão de reeditar uma experiência diádica fusional primigênia e "oceânica", com o objetivo de evitar o surgimento da angústia.

Traçando a origem do termo, diferentes autores coincidiram em localizar uma primeira etapa na qual o adjetivo fanático é utilizado para descrever os comportamentos extáticos violentos e os delírios religiosos dos fanatici, guardiões do templo de Belona, deusa da guerra – que encarnava mais os horrores da guerra do que os aspectos heroicos –, bem como os guardiões de Cibele e outras deusas dos mistérios (Javaloy, 1983).

No mesmo sentido, em seu conhecido *Breve Diccionario Etimológico de la Lengua Castellana*, Coromines define fanático, a partir de sua raiz latina *fanaticus*, como "inspirado, exaltado, frenético".

Evolução

De acordo com os registros que temos até agora – como afirma Javaloy (1983) em seu monumental tratado doutoral –, foi em *Anatomia da Melancolia* de Robert Burton (1621), onde o termo fanatismo foi usado pela primeira vez, para diferenciar o que ele chamou de religião verdadeira e saudável da demência religiosa. Mas foi somente um pouco mais tarde, durante os séculos XVII e XVIII, que os livres-pensadores, com Locke à frente, conseguiram desenvolver o conceito de fanatismo, tal como o conhecemos hoje. Esse renomado autor instava que fossem claramente delineados os limites entre fé e razão, a fim de evitar qualquer possível indício de fanatismo em matéria de religião. São eles, os fanáticos, que, em nome de um bem superior e sob a falsa premissa de salvar as almas daqueles que perseguem, os maltratam, torturam e matam até que sejam alcançadas sua conversão e purificação (Locke, 1999). Uma intolerância fanática que justifica os meios para um fim último, sustentada por uma miríade de razões dentro de uma lógica que os legitima e endossa, e onde o pensamento do outro é impossível e inaceitável (como já experimentamos nos muitos genocídios políticos, religiosos, raciais e ideológicos da história; genocídios culturais que roubam a identidade dos outros).

Durante o séc. XVIII, esse assunto foi exaustivamente tratado e incorporado pelos filósofos do Iluminismo, que o consideravam uma doença comparável à

varíola, doença que fazia com que o fanático vivesse numa fantasia que "perturba as cabeças sãs" (Voltaire, 1764), enfatizando a destrutividade que acarreta tanto para a personalidade do indivíduo fanático quanto para os outros.

Fanatismo e Psicanálise

Dentro da psicanálise há muitos que dedicaram seu tempo e interesse para compreendê-la, embora Freud tenha usado a palavra apenas uma vez, em *Uma concepção do universo* (1932), e o tenha feito apenas para se referir ao que chamou de fé fanática do comunismo. No entanto, muito antes, em *Psicologia das Massas e análise do Eu* (1921), lançou as bases para pesquisas futuras, ao descrever a dissolução do Eu e os mecanismos que operam em indivíduos que, hipnotizados sob o feitiço de suas divindades contemporâneas, desaparecem como sujeitos psíquicos e são arrastados como rebanhos pelos comandos e desígnios de seus líderes carismáticos e sedutores. Posteriormente, em *O Futuro de uma Ilusão* (1927), Freud se perguntou sobre a força de tal poder desses líderes, que conseguem promover em seus seguidores a ilusão de encontrar neles a figura do pai todo-poderoso e protetor, que não encontraram em sua primeira infância. Essa idealização convive com a rejeição de tudo o que é diferente, que é percebido como ameaçador e angustiante.

Possíveis respostas para as características bifrontes do fanatismo podem ser encontradas em sua obra *Introdução ao Narcisismo* (1914), onde o bebê, no narcisismo primário, escolhe a si mesmo como objeto de amor, ideal, grandioso e onipotente, até que uma "nova ação psíquica" o leva a transferir a libido para seus objetos, posteriormente reconhecidos e discriminados como diferentes. Essa é precisamente a falha psíquica do fanático; ele é incapaz de transferir, sua realidade psíquica foi sequestrada por seu eu ideal, por suas cisões precoces e sua realidade externa, negada, desmentida ou focalmente forcluída, a fim de evitar a fragmentação do Eu (Goldstein, 2019). Ele não é psicótico, embora não tolere incertezas, padece de certezas e é governado por ideias pseudodelirantes. Ele não é um perverso, embora, segundo Armengol (2008), haja nele uma perversão do narcisismo, uma detenção no Eu ideal. Isto fez com que Lagache desenvolvesse sua teoria da identificação heroica, precisamente para explicar como são presas fáceis de líderes fanáticos religiosos, políticos, raciais e étnicos que erguem furiosamente bandeiras protetoras para seus seguidores, com um franco

desprezo por seus críticos e oponentes, que poderia instigar a exterminá-los.

Oz observa que "a maioria dos fanáticos não é movida pelo sadismo, mas por ideias sublimes, anseios de redenção e justiça social e, para alcançá-los, eles devem 'se livrar dos malvados'" (2018, p. 48). Eles agem sob obediência destrutiva e submissão generosa a um líder autoritário devido aos conflitos intrapsíquicos entre um superego severo e subjugador do ego (Adorno, 1950). Os maus são sempre os outros, os imigrantes, os de outra raça, de outra religião, de outro gênero. São os "novos bárbaros", que deixam expostas as fraquezas do tirano.

* *Psicóloga clínica e psicanalista em função didática. Membro titular da Sociedade Psicanalítica de Caracas; mora atualmente em Miami. Membro de contato da COWAP.*

Referencias

- Adorno, T. et alii (1950). *The Authoritarian personality*. New York: Harper & Brothers.
- Armengol, R. (2008). "El fanatismo, una perversión del narcisismo: Sobre el origen y la acción del superyó, reflexiones morales". In: *Revista de la Asociación Psicoanalítica Colombiana* 20 (1): 11-36.
- Baekeland, C.E. (2015). "Introducción al Funcionamiento Mental Fanático: desde el Fan hasta el Asesino". Conferencia en el Círculo de Bellas Artes de Madrid. Disponible en: <https://www.consultabaekeland.com/p/es/psicoanalista-madrid-blog/psicoanalisis-del-fanatismo-conferencia-en-madrid.php>
- Coromines, J. (1954/2012). *Breve Diccionario Etimológico de la Lengua Castellana*. Barcelona: Gredos.
- Freud, S. (1914). "Introducción al narcisismo". In: *Obras Completas*. (vol. 14). Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1921). "Psicología de las masas y análisis del Yo". In: *Obras Completas*. (vol. 18). Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1927). "El porvenir de una ilusión". In: *Obras Completas*. (vol. 21). Buenos Aires: Amorrortu.
- Goldstein, M. (2019). "El sujeto de la creencia fanatizada". In: *Revista de Psicoanálisis*. APA. LXXVI (4).
- Javaloy, F. (1983). *Psicología del fanatismo*. Tesis de Doctorado, disponible en: <http://hdl.handle.net/10803/2679>
- Lagache, S. (1961). "Estructura de la personalidad". In: *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*. Uruguay. X (1968).
- Locke, J. (1999). *Escritos sobre la tolerancia*. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales.
- Oz, A. (2018). *Queridos fanáticos*. Barcelona: Siruela.
- Puchol, M. (2016). "El fanatismo de la vida cotidiana". In: *Fanatismos*. APM. Madrid: Lúa Ediciones.
- Rubinstein, R. (2015). "Fanatismo". In: *Revista de Psicoanálisis*, APA. LXXII (2/3).
- Voltaire (1764/2023). "Sobre el fanatismo". In: *Diccionario filosófico*. Barcelona: Plutón.



Conversações



Pablo Santander, Psicanalista da Asociación Psicoanalítica Chilena (APCh).
Atual Tesoureiro da FEPAL (2022-2024).

Entrevista com Pablo Santander

Por **Alicia Ángeles Ramírez***

Nesta edição, compartilhamos a entrevista com Pablo Santander conduzida por Alicia Ángeles Ramírez. A modalidade on-line possibilitou um ponto de encontro entre Santiago do Chile e Lima para a realização dessa agradável conversação.

Pablo Santander é psiquiatra, acadêmico da Faculdade de Medicina da Universidade do Chile e psicanalista em função didática da Associação Psicoanalítica do Chile. Foi presidente e diretor do Instituto APCh, além de representante no Conselho da IPA. Atualmente, é tesoureiro da FEPAL, função complexa que envolve cuidar dos fundos da Federação para a promoção de atividades e investimento em projetos que contribuam para o desenvolvimento da psicanálise latino-americana, como aponta o entrevistado.

O diálogo gira em torno do fanatismo que nos habita e está presente na vida privada, nas instituições e como fenômeno social. Dessa forma, Alicia e Pablo nos aproximam a um dos temas do próximo Congresso Latino-americano de Psicanálise, no Rio. Esperamos que vocês apreciem a antecipação que esta entrevista lhes oferece.

Assista no canal YouTube da FEPAL: <https://youtu.be/cyNCW6svTK4>

* Analista em formação da Sociedad Peruana de Psicoanálisis (SPP). Integrante da Equipe de Publicações da FEPAL.

Marcadores de Calibán

Um mundo em risco de implosão ou de fanatismo

Por **Soledad Sosa***

A partir de uma posição cautelosa que situa a psicanálise em relação a uma questão cuja complexidade e implicações a ultrapassam, marcando seus limites como discurso e como práxis, mas a partir de uma psicanálise aberta – cada vez mais articulada com o conjunto da cultura –, propomos pensar o fanatismo, que, em suas repercussões políticas, sociais, religiosas e ideológicas, está ligado aos vínculos, sempre tensos, entre a psicanálise e o social.

Embora os processos coletivos assumam diferentes faces, a crueldade entre iguais é uma constante. Mas onde se cultivem as rupturas mais violentas e onde os fantasmas da intolerância e do radicalismo assolem, será também onde a psicanálise participe, pense, mostrando que continua sendo um “fato histórico” indelével, mesmo sabendo que sua confiança política e sua força emancipatória são limitadas, pois o sujeito com o qual trabalhamos – o centro de suas operações fundantes – é sustentado em uma exclusão. Na psicanálise, em sua dimensão teórica, a exclusão surge como uma premissa lógica, que opera como causa e que, em sua condição de estrutura, se oferece como enigma ao analisável, assim como a essa irreduzível “pequena diferença” que separa os eus. A exclusão está na linguagem, portanto não é possível não excluir. Mas se ela for erotizada – como no fanatismo – se formula um sintoma?

Em Calibán, falar de fanatismo nos diz respeito – acima de tudo – ao lugar onde a palavra diferente ressoa, mas tenta ser silenciada; onde a hostilidade contra o hétero visa apagar as diferenças – estabelecendo shibboleths sectários e

discriminatórios – com a paixão da fúria do vínculo feroz com o semelhante. Em um mundo em risco de implosão e no qual reina soberana a exuberância da irracionalidade, parece que o fanatismo adquiriu um lugar privilegiado para refletir sobre as violências primárias que nos constituem. Pois nem sempre são “os outros” que são fanáticos, os que defendem – com sua carne e sangue – sua soberania ou sua religião.

Ao longo das diferentes edições, muitos autores contribuíram para a reflexão dessa problemática, que pode ser abordada de diferentes ângulos, pois envolve diferentes aspectos individuais e coletivos, culturais e políticos, bem como diferentes abordagens teóricas na forma de concebê-la. Contudo, o eixo central da contribuição freudiana seria dado pelos textos “Psicologia das massas e análise do Eu” e “O mal-estar na civilização”. No nível metapsicológico tratar-se-ia da junção do Ideal do Eu/Supereu, solidários de um processo cuja sucessão seria: traço ideal > idealização > identidade > massa artificial. Muito freudianamente, portanto, poderíamos pensar que a “posição fanática” – ou as reticências daqueles que poderíamos chamar de “os que deliram com a razão” em abandonar as certezas – não se remeteria tanto ao ideal, aos valores ou à ideologia em si, mas à relação subjetiva que se tem com eles, na medida em que se tornam sagrados, absolutos e universais. E o termo “idealização”, entendido como a crença na realização do ideal que opera como um mandato superegóico, enfatizaria que basta que uma constelação propícia (em particular o efeito de massa) seja constituída para que qualquer sujeito seja transformado, mesmo que ocasionalmente, em um fanático criminoso. A esse respeito, parece fundamental a função legitimadora dos valores e ideais como “formações reativas”, encobrendo, dando uma justificativa (até mesmo delirante) àquela “ambivalência primordial” do ser humano, que levou Freud a citar o “homo homini lupus”. Lembremos, por exemplo, que o genocídio dos índios americanos foi feito em nome da “civilização”, que o holocausto foi justificado pela “pureza” da raça e que, hoje, em nome “da liberdade e da democracia”, ou com a religião como bandeira, “crimes contra a humanidade” ainda estão sendo cometidos; e à vista de todos.

De questões que permanecerão em aberto, como: “o fanatismo é analisável?”; ou do viés do funcionamento de nossas instituições e das defesas ferrenhas de posições teóricas que implicam em rivalidades; ou da convergência entre lei e gozo na incidência de lideranças políticas fanáticas, ou da força de grupos radicalizados, ou ainda com o que poderíamos pensar sobre nacionalismos ou o uso como arma de guerra daquilo que deveria ser fonte de consolo e pacificação para alguns, como a religião, convidamos vocês a percorrer este número de Conexão FEPAL, Fanatismo e realidade psíquica, e lhes indicamos alguns marcadores de leitura:

Calibán Mal Vol.15 (2)

- Luis Campalans. *Notas sobre psicanálise e humanismo*.
- Diana Sperling. *A conta do mal*.

Calibán Poder Vol.16 (2)

- Ney Marinho. *Racismo e o mistério da repetição*.

Calibán Paixão Vol.17 (2)

- Luciana Coelho. *O longo eco das distopias: como o isolamento de indivíduos em grupos de pares pelas redes sociais promoveu a radicalização de crenças, medos e expectativas e atrofiou a capacidade de escuta.*
- Ezequiel Ipar. *Discursos do ódio e mercados da crueldade.*

Calibán Transitoriedades Incertezas Vol. 20 (2)

- Teresa Zaefferer. *Algo em que acreditar.*

* *Psicanalista. Membro do Instituto Universitário de Pós-graduação em Psicanálise (IUPP) da Associação Psicanalítica do Uruguai (APU). Editora da seção Argumentos da revista Calibán da FEPAL.*

